

Cultura, Aristocracia, Elites

(Especial para o "ESTADO")

Se não ha cultura, a nosso ver, senão em função do progresso, se reservamos a palavra para designar tudo o que orienta as intelligencias para uma mais larga comprehensão do homem e da vida humana, poderão observar que a cultura só existe para alguns e, estrictamente falando, só os genios representam a cultura de um paiz, uma vez que só elles podem, realmente, fazer progredir a ordem intellectual e moral.

Uma tal interpretação oppõe a cultura á civilisação. Esta seria o comportamento pelo qual a massa se afirma e aquella, ao contrario, o extremo limite do progresso humano, a offrenda excepcional com que alguns eleitos de cada povo, contribuem para o altar das criações humanas. Assim comprehendidos, os valores de cultura podem ser não somente excepçoes, mas ainda quasi monstruosos. Sua anormalidade apenas desvirtua a massa, que permanece, por definição, barbara. Podese reconhecer-lhe, por muito favor, a dignidade de um humus destinado a adubar o solo em que nascem as flores raras do genio.

Sem negar tudo o que o genio tem, não raro, de chocante, sem contestar o que a massa tem de informe, parece-nos perigoso accentuar o fosso que separa a vanguarda do grosso do exercito e reservar o termo cultura para designar o pallio bordado de ouro a cuja sombra avança a pequena irmandade de super-homens entre os quaes bem difficil se faz a distincção entre o verdadeiro genio e o intrigante ou o mystificador.

Existem sem duvida, prophétas que, em dados momentos, exprimem de maneira arrebatadora aquillo que a massa sente confusamente ou, pelo contrario, em que nem sequer pensava, mas de que tinha necessidade evidente. Não são, porém, essas vanguardas que constituem a cultura propriamente dita. Della beneficiam talvez, fazem-na progredir ás vezes, mas com ella não se identificam.

De resto, quando se define a cultura pela phisique dos genios que se destacam, felizmente, de alguns grupos humanos, como que para mostrar-lhes o caminho a seguir, não se distinguem os individuos, considerados como symbolos collectivos em que se transformam para a posteridade. Considerando-se tão somente os individuos, verifica-se que o genio é muitas vezes inculto. Um genio esthetico, politico e até mesmo scientifico pode ser inculto. Não, evidentemente, sem nenhuma instrução, mas sem esse equilibrio de conhecimentos, esse julgamento seguro e igual que são o apanhao da cultura.

Se encarmos os symbolos em que os individuos tendem a transformar-se — se, por exemplo, consideramos Victor Hugo como representante da "cultura franceza" ou Goethe como symbolo da "cultura allemã" — logo comprehendemos que esta expressão só pode ser tomada em dois sentidos. Ou se quer dizer que Victor Hugo e Goethe representam certos aspectos do que se poderia chamar sensibilidade intellectual allemã ou franceza, ou que são instrumentos de cultura postos á disposição de todos pelas literaturas franceza e allemã. Não vejo, em ambos os casos, como podem constituir um elemento da cultura allemã ou franceza. Estas expressões "realisam abstracções", como se costuma dizer, e modificam o verdadeiro sentido da palavra cultura, que é o de designar, antes de mais nada, no individuo ou na sociedade, uma aptidão mental ou social.

Mas, dirão, embora sem indagar o que seja a cultura em si, podemos perguntar a quem se destina, ou, pelo menos, quem pode esperar gosar de seus beneficios. Não seremos forçados a convir, inicialmente, alegrando-nos ou nos atristando, que ella só pode destinarse a uma minoria? Dahi a transformal-a em privilegio de poucos genios não vai mais que um passo. Mas deixemos de lado o problema das relações dos genios com a cultura. Permanece ainda o termo cultura associado ao de minoria. Será, pois, cultura synonymo de aristocracia?

Aristocracia significa etymologicamente "governo dos melhores". Na antiguidade as aristocracias eram uma forma de poder politico. Hoje, aristocracia designa certo aspecto da estratificação social, apenas encontrado nas sociedades já antigas. Aristocracia é um pequeno grupo social que, por hereditariedade, modo de vida, educação, gosto requintado e lingua-

gem, se distingue da massa. A aristocracia associa-se, quasi sempre, a uma situação privilegiada de fortuna. Nem sempre é o caso e não se trata mesmo de condição necessaria. Os regimes democraticos abalaram as velhas aristocracias cujos privilegios eram solidamente garantidos pela inteira estrutura social. Entretanto, mesmo nas democracias já antigas, encontram-se ainda vestigios das velhas aristocracias, bem como se observa a formação de novas modalidades de aristocracia.

O que distingue, em todo caso, o aristocrata é, antes de mais nada, certa forma de linguagem, certo modo de comportamento, certa independencia de fortuna, certo sentimento de classe ou casta.

Aristocracia e cultura nem sempre estão ligadas; entretanto os lazeres necessarios á cultura não faltam o mais das vezes á aristocracia, o que explica a razão de ser ella mais cultivada do que a massa. Por outro lado, transmite-se a cultura através de um requinte de linguagem e de gosto, mais facilmente conserváveis na aristocracia do que na massa; é, porém, esta cultura, não raro impessoal e superficial, cultura de salão de conversação, antes reflectida do que verdadeiramente adquirida e transmitida. Uma brusca mudança de fortuna ou de meio pode provocar no aristocrata uma perda sensivel de cultura a qual se dissipará muitas vezes mais depressa do que o habito das boas maneiras e da linguagem elegante. Em summa, se a aristocracia se encontra em situação, de certo modo, favoravel á aquisição da cultura esta é, por outro lado, o que ha de menos solidão nella. As aristocracias favorecem a preservação da tradição, condição sempre propicia á elaboração de uma cultura. Ellas contribuem para formar um meio social favoravel á manutenção e transmissão da cultura e do gosto, mas os individuos que as compõem não se revelam particularmente aptos a criar valores novos ou a resistir á mudança brusca das condições sociais. Assim, embora seja a cultura, em verdade, o apanhao de uma minoria e a aristocracia, em virtude de causas secundarias, um meio favoravel para a sua transmissão, convém não confundir cultura com aristocracia.

Em primeiro lugar, é a aristocracia, antes de mais nada, hereditaria; transmite-se de pai a filho e pode perder-se com as mudanças das condições de vida. A cultura verdadeiramente criadora, ao contrario, adquire-se por um esforço pessoal apenas favorecido pelo ambiente cultural.

Pode o meio social tornar mais requintado o gosto, que é um aspecto da cultura, mas, sem um esforço pessoal, não existe cultura verdadeira. De mais a mais, esta desenvolve o espirito critico, o julgamento, alarga os horizontes do raciocinio, qualidades todas que podem falhar no mais perfeito das aristocracias. Aristocracia e estrieteza de espirito podem perfeitamente associar-se: cultura e ausencia de julgamento são necessariamente incompativeis. Os dois planos são de resto differentes. A cultura é, pelo menos, uma distincção de espirito, mas pode ser mais do que isto. A aristocracia é uma distincção de maneiras e não pode ser senão isto. Finalmente a aristocracia volta-se para o passado e não vive senão de recordação e tradição. A cultura está voltada para o futuro e não subsiste e progride senão pela esperança de melhor porvir, de melhor comprehensão das coisas para uma melhor organização da vida dos homens. Eis por que a aristocracia permanece, quasi sempre, apathica em face dos problemas contemporaneos; prefere lamentar "a decadencia" a encarar corajosamente as difficuldades presentes. A cultura, ao contrario, aborda com sympathia e fervor os problemas mais delicados da hora actual; toma posição, estuda-os, trabalha para resolvê-los e fala em crises, preferindo o termo ao de decadencia.

Oppuzemos a cultura á aristocracia como se se tratasse de grupos sociais. Na realidade, queremos mostrar dois espiritos differentes, susceptiveis de animar dois typos de grupos sociais. Mas, representado com bastante clareza o grupo da aristocracia, como tremos definir o grupo da cultura? O termo "elite" vai permittir-nos representar melhor a realidade social que deve corresponder á cultura. Não ha cultura verdadeira sem elites, sendo, por outro lado, função

da cultura, qualquer que seja, eriar elites.

Que é uma elite? A elite é forçosamente uma minoria, mas não é este caracter de minoria que a diferencia, porquanto nem todas as minorias são em regra geral — elites. Não seria mesmo possível definir uma elite unicamente pelo caracter social de minoria. O proprio termo elite convida-nos a rejeitar para o segundo plano seu caracter social, afim de insistir nos outros factores mais particularmente ligados aos proprios individuos. Nisto reside o paradoxo das elites: não existem senão pela possibilidade de individuos capazes de resistir ao conformismo social e, por outro lado, não agem como elites se esses individuos se isolarem nas suas torres de marfim, deixando de trabalhar para a orientação do meio social em que vivem.

Uma elite é, pois, um grupo de personalidades fortemente marcadas, bem distinctas umas das outras e cujo unico traço commum é uma consciencia lucida das necessidades do meio social em que vivem e da maneira pela qual é preciso corresponder a estas necessidades. Esta, a razão por que o espirito de elite não se encontra nos grupos mas, de preferencia, em alguns individuos que foram levados a formar um grupo para agir numa mesma direcção. O grupo não precede aqui os individuos que o compõem, mas, ao contrario, são os individuos que dominam o proprio grupo, o qual poderá servir de fermento a toda uma sociedade.

Será possível assimilar as "minorias activas (actuantes)" ás elites? Sim, até certo ponto. Uma elite é sempre uma minoria activa, mas é tambem mais do que isto: é uma minoria decidida a agir apenas através de certos meios intellectuaes ou moraes ao passo que as "minorias activas", em geral, não recuam diante de nenhum meio. A elite procura levantar a massa social tão somente com a ajuda de uma unica aliança: a cultura intellectual e moral.

Assim encarada, é a cultura uma disciplina das funções intellectuaes, permittindo a formação de personalidades capazes não somente de transmitir-a, mas ainda de transformal-a em fermento fecundo. Assim comprehendida, é a cultura ao mesmo tempo um methodo de formar personalidades e um meio de criar e transmitir os valores necessarios a uma sociedade.

As personalidades que constituem uma elite são os agentes indispensaveis a esta criação e transmissão. As élites são, por conseguinte, os instrumentos da cultura, do mesmo modo que a cultura é o instrumento empregado pelas elites.

As élites são sempre fragéis. Formam-se com difficuldade e mantêm-se tão somente por um esforço constante. Adquirem apenas para dar e correm o risco de empobrecer-se quando dão mais do que adquirem, assim como se esterilizam quando adquirem sem intuito de dar. Correspondem as elites, sempre, a uma selecção, mas não se deve pensar que esta seja automatica. Uma organização de cultura deseja de formar elites deve, evidentemente, fazer uso da selecção afim de que todos os espiritos susceptiveis de cultura — e apenas estes — possam ser attribuidos. Nenhuma selecção, porém, pode formar automaticamente elites. A selecção apenas facilita a elaboração do meio de onde surgirão as verdadeiras elites. A elite é, de facto e antes de mais nada, composta de personalidades fortes e capazes de agir sobre os grupos, animal-os e oriental-os. Ora, possível que seja releva as condições mais favoraveis á constituição das elites, descobrir na cultura systematicamente organizada uma destas condições, não se de-verá imaginar que as personalidades podem ser criadas apenas com essa organização, por melhor que seja. Mas o que importa, em verdade, é tudo preparar para que, quando surgir uma forte personalidade, ella possa ter á sua disposição todos os elementos necessarios á sua acção intellectual e moral sobre a massa.

Eis em que sentido a cultura deve ser o instrumento das elites, destinado não somente a favorecer sua propria constituição, como ainda a lhe fornecer os necessarios meios de acção.

Paul Arrousse-Bastide

(Prof. da Faculdade de Philosphia, Sciencias e Letras da Universidade de São Paulo).